

A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA NA INTERAÇÃO COM O PROFESSOR SUPERVISOR DO ESTÁGIO DA LICENCIATURA

THE CONSTRUCTION OF TEACHING IN THE INTERACTION WITH THE SUPERVISOR OF THE TEACHING DREGREE INTERNSHIP

LA CONSTRUCCIÓN DE LA DOCENCIA EN LA INTERACCIÓN CON EL PROFESOR SUPERVISOR DE LA PASANTÍA DE LICENCIATURA

Larissa Martins Fernandes Amaral¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender a construção da docência a partir da interação do licenciando com o professor supervisor de estágio. Para tanto, são utilizados dados de entrevistas realizadas com uma professora de Sociologia atuante em um colégio estadual e supervisora de estagiários do curso de Ciências Sociais. Com base nas falas da docente, concluímos que a interação com o professor supervisor auxilia na construção do perfil docente do licenciando de forma a contribuir para a atuação na profissão.

Palavras-chave: Estágio; Professor Supervisor; Docência; Licenciatura.

Abstract: This article aims to understand the construction of teaching from the interaction between the student and the teacher who supervises the internship. For this purpose, data from interviews conducted with a Sociology teacher who works at a state school and supervisor of interns in the Social Sciences course are used. Based on the teacher's speeches, we conclude that the interaction with the supervising teacher helps in building the teacher's profile of the licentiate student in order to contribute to the performance in the profession.

Keywords: Internship; Supervisor Teacher; Teaching; Graduation.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender la construcción de la docencia a partir de la interacción entre el estudiante y el docente que supervisa la pasantía. Para ello, se utilizan datos de entrevistas realizadas a un profesor de Sociología que trabaja en una escuela pública y supervisor de pasantes en la carrera de Ciencias Sociales. Con base en los discursos de los profesores, concluimos que la interacción con el profesor supervisor ayuda en la construcción del perfil docente del estudiante de licenciatura para contribuir al desempeño en la profesión.

Palabras clave: Pasantía; Maestro Supervisor; Enseñando; Graduación.

¹ Graduanda na Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense. E-mail: larissaamaral@id.uff.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo compreender a construção da docência a partir da interação do licenciando com o professor supervisor do estágio. O estágio supervisionado dos cursos de licenciatura é uma exigência legal, garantida por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96) e propicia ao licenciando a experiência prática da profissão docente em sala de aula. Segundo Rosa *et al.* (2012, p. 678), o estágio supervisionado é “indispensável na construção da identidade profissional, uma vez que a profissão de professor não pode ser considerada uma ciência aplicada, sendo que o envolvimento humano não pode ser sistematizado, devendo haver um contato mais intenso para gerar o conhecimento”.

Dessa forma, o estágio supervisionado se configura enquanto *locus* privilegiado para o contato prático com o exercício da docência e os demais aspectos que envolvem sua atividade profissional, como o ambiente escolar e o relacionamento com os alunos, funcionários, gestores e familiares. Considerando a relevância do estágio na formação do licenciando, importa também compreender de que forma a atuação e o perfil do professor supervisor do estágio da licenciatura podem auxiliar na construção da docência do próprio estagiário.

Para atingir o objetivo proposto, serão utilizados dados de quatro entrevistas realizadas durante o estágio supervisionado da licenciatura em Ciências Sociais com uma professora de Sociologia, atuante em um colégio estadual do município de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro. As entrevistas com a docente, realizadas no ano de 2022, centralizam sua formação acadêmica; sua experiência na escola em que atua; suas expectativas com relação à profissão; sua relação com seus pares, alunos, gestores, estagiários e demais funcionários e seus sentimentos no exercício da docência.

Segundo argumenta Tardif (2004):

A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão que possuem, geralmente, um caráter de urgência. Essas interações são mediadas por diversos canais: discurso, comportamentos, maneiras de ser, etc. Elas exigem, portanto, dos professores, não um saber sobre um objeto de conhecimento nem um saber sobre uma prática e destinado principalmente a objetivá-la, mas a capacidade de se comportarem como sujeitos, como atores e de serem pessoas em interação com pessoas (TARDIF, 2004, p. 50).

Nessa medida, a escola se configura como um espaço complexo perpassado por diversos atores em interação constante entre si e entre o ambiente no qual atuam. As relações entre professores, gestores, alunos, funcionários, pais e responsáveis e a comunidade ampliam a perspectiva da escola para além da mera transmissão de conhecimentos, de forma que na escola também sejam produzidos conhecimentos a partir da contínua interação nela presente. Como afirma o autor (2004), as interações no ambiente escolar se dão de maneiras variadas e cabe ao professor estar capacitado para exercer sua profissão ao participar da rede de relacionamentos que permeia esse espaço.

Dentre esse universo de interações no ambiente escolar, o estagiário é inserido no convívio com o professor supervisor do estágio da licenciatura, de forma que o professor supervisor atua como mediador entre a teoria apreendida na graduação pelo licenciando e a prática exercida no “chão da escola”. A mediação e supervisão realizada pelo professor, dentro da escola, é de extrema importância na formação do estagiário, uma vez que “ao chegar à universidade o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes, é difícil relacionar teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano” (MAFUANI, 2011 *apud* BERNARDY; PAZ, 2012). Assim, por meio das interações com o professor supervisor, o estagiário é capaz de apreender os conhecimentos práticos necessários sobre o ambiente escolar e seu funcionamento, para que possa concluir sua formação e construir seu perfil docente com vistas à atuação na educação básica.

O presente artigo abordará a seguir os dados obtidos por meio das falas da docente de Sociologia, entrevistada a fim de compreender a contribuição exercida para a formação e construção do perfil docente do estagiário da licenciatura, a partir da interação entre estes dois atores. A discussão será perpassada pela experiência da própria autora que, além de obter os dados de pesquisa, esteve presente durante o ano de 2022 enquanto estagiária supervisionada pela docente. O estágio se desenvolveu em dois semestres letivos, nos quais acompanhei as turmas de Sociologia de nível médio, alocadas no período vespertino. A pesquisa se estendeu de agosto a dezembro de 2022, baseando-se nas atividades propostas dentro do curso de licenciatura. Ao considerar uma série de perguntas levantadas em sala de aula pela docente responsável pela disciplina teórica do estágio supervisionado (em anexo), a pesquisa focalizou como questão principal a ser tratada nas entrevistas a influência do professor supervisor do estágio na construção do perfil docente do estagiário.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas, em sua grande maioria, durante os encontros presenciais que ocorreram em oportunidade do estágio, preferencialmente no intervalo entre as aulas em que nos encontrávamos na sala dos professores para discutir questões relacionadas ao estágio. Nas ocasiões em que não foi possível o encontro presencial com a docente supervisora, devido a feriados, faltas ou até mesmo pelo pouco tempo disponível no intervalo para realizar uma entrevista, as perguntas foram feitas a docente por meio do *WhatsApp*, aplicativo de mensagens instantâneas que facilitou a comunicação e realização da pesquisa. As perguntas foram divididas de forma a centralizar um tópico específico para cada entrevista. Desse modo, a primeira entrevista centrou-se na formação acadêmica da docente; a segunda entrevista em suas experiências obtidas nos anos de exercício docente e em como enxerga e exerce sua profissão; por sua vez, a terceira entrevista focou nas questões emocionais da docente com sua profissão, perpassando as relações estabelecidas no ambiente escolar; e por último, a quarta entrevista centralizou as expectativas profissionais da docente. Ao final deste artigo, apresentarei minhas considerações finais a respeito do papel do professor supervisor do estágio da licenciatura na construção do perfil docente do estagiário.

A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA NA INTERAÇÃO COM O PROFESSOR SUPERVISOR DO ESTÁGIO DA LICENCIATURA

A despeito do ambiente escolar ser uma realidade vivenciada pela maioria das pessoas durante longos períodos, esta familiaridade não garante um efetivo conhecimento sobre como funcionam as instituições de ensino e como se dão as relações que dentro dela se realizam. Como afirmam Handfas e Teixeira (2007, p. 134), “o fato de cada aluno ter uma experiência escolar prévia não significa que compreenda as regras que organizam aquele universo, as formas de sociabilidade que ali se estabelecem, os projetos individuais e/ou coletivos que se desenvolvem”. Nessa direção, mesmo tendo o estagiário vivenciado a escola durante longos períodos e, a partir dela, ingressado no ensino superior, a sua experiência enquanto aluno da educação básica não lhe garante os conhecimentos práticos necessários para a construção docente pertinente a sua formação enquanto licenciando.

Assim, somado ao conhecimento teórico apreendido dentro da universidade, é na interação com o professor supervisor do estágio da licenciatura que o estagiário pode compreender os métodos de ensino e suas aplicabilidades, as relações estabelecidas entre o

docente e os alunos, bem como entre seus pares e demais funcionários, e a realidade da atuação no mercado de trabalho no qual está se formando para ingressar.

Para o estagiário na licenciatura em Ciências Sociais, a interação com um professor formado academicamente na disciplina em que leciona, importa na medida que o ensino de Sociologia é perpassado pela falta de tradição de docentes formados na área em que atuam, bem como pela carência no desenvolvimento de materiais didáticos e metodológicos próprios ao ensino de Sociologia. Maçaira e Cordeiro (2009), já apontavam para a intermitência da Sociologia na educação do país, o que implica diretamente no desenvolvimento e consolidação da disciplina, na formação docente e nas propostas curriculares.

Dados do Censo Escolar 2021 (BRASIL, 2022) realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) apontam um indicador preocupante, conseqüente da intermitência do ensino de Sociologia no país. Segundo o Instituto, apenas 40,7% das turmas de ensino médio são atendidas por professores com formação adequada para o ensino de Sociologia, fazendo desta a disciplina com o pior indicador de adequação da formação docente dentre todas as outras do ensino médio. Por sua vez, Bodart e Silva (2016), em pesquisa realizada com professores de todo país, que lecionam a disciplina de Sociologia no ensino médio, identificaram que 42,5% dos docentes respondentes ao questionário por eles aplicado não possuíam nenhuma formação complementar, como mestrado, doutorado ou outra especialização em Ciências Sociais. Nesse caso, a docente que entrevistei se caracteriza como minoria em termos quantitativos dentre os demais professores de Sociologia do Brasil, por ser adequadamente formada em Ciências Sociais e possuir mestrado relacionado à educação. Ela atua há mais de cinco anos como professora de Sociologia.

Durante as entrevistas, a docente afirmou que sua escolha pela docência se deu após o ingresso na universidade por meio de experiências lecionando História em um pré-vestibular social e em projetos de monitoria.

No primeiro dia de aula eu descobri, achei aquilo um paraíso e falei isso é minha vibe, isso é o que eu quero fazer pro resto da minha vida [...] quando eu pisei a primeira vez em uma sala de aula e dei a primeira aula, me apaixonei (docente entrevistada, 2º semestre de 2022).

Por sua vez, seu ingresso no mercado de trabalho se deu por meio de um concurso público realizado pela Secretaria de Estado de Educação, mas a docente atua também em uma escola privada no mesmo município. Ela acredita ter sido privilegiada por ter condições

para se dedicar integralmente à universidade e por ter familiares docentes que serviram de base para sua formação.

Foi contato, foi agarrar oportunidades que me fizeram, de certa forma, ter uma trajetória no mercado de trabalho inicialmente muito propícia e muito até rara pra uma jovem de 21 anos que tinha acabado de se formar (docente entrevistada, 2º semestre de 2022).

Ao considerar sua atuação na rede pública de ensino, a docente afirma não estar completamente satisfeita com as condições disponíveis para sua atuação, visto a incipiente presença de equipamentos tecnológicos e de *internet* na escola, o que dificulta a abordagem dos conteúdos sociológicos a partir de outros recursos didáticos para além do livro didático em suas aulas.

Ainda deixa a desejar, por exemplo, a gente tem um auditório que é muito bom, mas esse ano não tá funcionando porque a biblioteca está em reforma aí passaram tudo por auditório, então a gente ficou sem auditório. A gente não tem recursos audiovisuais, digitais suficientes pra abarcar toda a escola, a quantidade de alunos e professores que tem, são muitos, são mais de 100 professores, quase 3 mil alunos e a gente só tem, por exemplo, um *datashow* que fica livre, a gente tem hoje uma sala *maker* que tem uma televisão, um *datashow* e um notebook pra uma realidade de 3 mil alunos e mais de 100 professores, então não dá conta, a gente não consegue utilizar sempre esses recursos comparados às escolas particulares que tem à mão na sala, todas as salas têm (docente entrevistada, 2º semestre de 2022).

Conforme afirma Guimarães (2019):

Nas atividades da licenciatura, o professor tem que trabalhar com a precariedade real das escolas públicas de ensino médio, em que são feitos os estágios supervisionados e que, no futuro, aguardam o estudante da graduação. Não há como encobrir a situação: é preciso ser claro e objetivo em relação às dificuldades que o licenciado vai encontrar, mas, também, ser capaz de instigá-lo a enfrentar o desafio de exercer a profissão com competência e criatividade (GUIMARÃES, 2019, p. 114).

Durante o período em que aconteceram as entrevistas, no qual a docente foi, simultaneamente, acompanhada por seu grupo de estagiários graduandos em Ciências Sociais, ela demonstrou ter consciência da desvalorização que permeia a profissão docente e da falta de recursos para sua atuação. Contudo, em concordância com a posição de Guimarães (2019), continuou a instigar seus estagiários a desenvolver estratégias para superar as dificuldades impostas à docência, a fim de propiciar aos alunos um ensino de qualidade. Eram frequentes as reuniões entre os estagiários e a docente para discutir modelos de atividades avaliativas, a organização de eventos na escola e modos de utilizar recursos didáticos inovadores que cativassem a atenção dos alunos para os conteúdos sociológicos. Deste modo, na interação com a professora supervisora, o estagiário era capaz de construir sua própria docência de forma crítica às mazelas reservadas ao ensino público brasileiro e

ao ensino de Sociologia e também com atitude engajada na melhoria e desenvolvimento da educação e formação de seus alunos.

Ao responder sobre seus principais objetivos enquanto docente, a entrevistada diz serem eles: formar cidadãos críticos, conscientes e reflexivos. A professora supervisora acredita em uma educação transformadora e não reprodutora das desigualdades sociais e preconceitos. Esta postura é percebida em seu exercício em sala de aula, no qual a docente articula os conhecimentos sociológicos com o modo de ser e enxergar de seus alunos e estagiários.

Segundo Monteiro (2000):

Durante as atividades da Prática de Ensino, o professor em formação vive um momento estratégico em sua vida profissional, vivenciando um verdadeiro *ritual de passagem*. Ele/ela é, ao mesmo tempo, aluno e professor, portanto tem a sensibilidade aguçada para perceber as repercussões da ação educativa com olhos de quem ainda se sente como aluno (MONTEIRO, 2000, p. 141 *apud* MAÇAIRA; CORDEIRO, 2009, p. 252).

Devido ao comprometimento da docente com um modelo de educação transformador e crítico, a construção da docência na interação do estagiário com a professora supervisora ocorre em um espaço aberto a discussões e diversos pontos de vista. Para pensarmos o espaço de participação existente entre docente e estagiários, podemos recorrer ao que concerne às formas de participação em instituições perpassadas por hierarquias. Há três modos da participação se estabelecer, sendo eles: a participação autônoma, quando há espaços participativos e valorização dos sujeitos; a participação negada, quando há recusa do espaço de participação; e a participação tutelada, quando a participação é controlada e manipulada (LELES, 2007 *apud* FERREIRA; PEREIRA, 2017, p. 50). Ferreira e Pereira (2017), neste sentido, se referem ao modelo de participação destinada aos estudantes por parte dos gestores escolares, no entanto, ao trazer para a experiência de interação entre o estagiário e a professora supervisora entrevistada, esta relação se configura a partir de uma participação autônoma, em que os licenciandos eram incluídos nas decisões sobre o desenvolvimento das turmas de Sociologia que acompanhavam.

Outra característica observada a partir das respostas da entrevistada às perguntas realizadas, bem como a partir do acompanhamento de sua atuação em sala de aula e nas relações que nela perpassam, foi o desprendimento no que diz respeito a críticas e sugestões ao seu exercício profissional.

Eu sempre tento transformar aquele momento [aula] em algo divertido, interessante [...] Mas tem dia realmente que não dá, às vezes não rola e tá tudo bem, porque nem toda aula tem que ser maravilhosa, nem todo dia tem que ser perfeito, a gente tem

tristezas e tals [...] é pensar aquela ideia não dá também pra você ser perfeito, não dá pra salvar o mundo, não dá pra achar que você vai resolver todos os problemas (docente entrevistada, 2º semestre de 2022).

Para Bell Hooks (2013), a postura defensiva e, por vezes, conservadora dos professores em relação às críticas construtivas sobre sua prática pedagógica pode dificultar um melhor desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem e a possibilidade de promover a escola como, de fato, um ambiente de construção de saberes. A partir da posição da autora, podemos assumir que o diálogo do professor com seus pares, a gestão escolar, os alunos, a família e os estagiários que o acompanham, é fundamental para a formação de uma comunidade acadêmica coesa e articulada.

Sobre a postura defensiva adotada por alguns professores, Bell Hooks pontua:

Sinto que me beneficiei muito por não ser apegada a mim mesma como acadêmica ou professora universitária. Isso me deixou mais disposta a criticar minha pedagogia e a aceitar críticas dos alunos e de outras pessoas sem sentir que questionar o modo como dou aula equivale, de algum modo, a questionar meu direito de existir no planeta. Sinto que uma das coisas que impedem muitos professores de questionar suas práticas pedagógicas é o medo de que “essa é minha identidade e não posso questioná-la” (HOOKS, 2013, p. 180).

Este contato e experiência com uma professora supervisora que aceite e esteja aberta a sugestões e críticas destinadas a melhorar o processo de ensino e aprendizagem dentro de sala de aula propiciam ao estagiário o aprendizado de uma docência que priorize o diálogo, centralizada no saber do aluno, de modo a tornar o conhecimento sociológico mais próximo de sua realidade, para que ele a entenda, problematize e transforme. Durante a observação e participação no estágio, foram percebidas pelos estagiários demandas dos alunos em relação a um aprofundamento sociológico sobre os debates eleitorais, principalmente presidenciais, que ocorriam naquele ano. Foram, então, sugeridas à docente uma série de abordagens que incluíam debates voltados às questões do cotidiano dos alunos, em que os estagiários trouxeram dados sobre os temas expostos, para mediar as falas; apresentações em *slides* e realização de *quizzes* com os alunos, para um entendimento didático dos espectros políticos e uma campanha de incentivo à obtenção do título de eleitor, em que os estagiários realizaram a solicitação do documento com os alunos em sala de aula.

Em outras situações, a docente incentivava os estagiários a apresentarem diferentes metodologias de ensino para abordar os conteúdos em sala de aula, de forma a igualar em termos de importância a posição do docente e do estagiário, deixando de lado um modelo hierárquico rígido que prejudica o desenvolvimento de ideias. Devido a esse incentivo, enquanto estagiária, fiz a seleção de uma série *memes* (imagens de cunho humorístico) para

serem utilizados na atribuição das notas nas atividades, uma tentativa de desconstruir o peso do valor numérico na definição do quanto o aluno aprendeu, o que foi apoiado e incentivado pela docente, mesmo fugindo do que tradicionalmente é feito em sala de aula.

O perfil docente do estagiário em formação pode, dessa forma, ser amplamente impactado pelo perfil docente do professor supervisor, visto que este atua enquanto mediador da teoria aprendida na universidade e a prática exercida no “chão da escola” que devem ser entendidas como complementares para o alcance de uma formação docente crítica e qualificada.

No que se refere aos relacionamentos e sentimentos da docente em seu ambiente de trabalho, a mesma afirma que a boa relação entre professor e alunos é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem, por isso seu esforço está empenhado em estabelecer uma parceria com seus alunos. Dentre suas estratégias está o uso do diálogo e das redes sociais para conhecer cada vez mais seus alunos, suas vidas e seus modos de ser dentro e fora da sala de aula. Ainda, a docente afirma que seu relacionamento com os demais professores do colégio estadual em que atua também é bom, mas que seu foco é o relacionamento com os alunos, visto que é com eles que passa a maior parte do tempo em que está na escola.

Eu acho que minha relação com os alunos é muito boa, eu me pauto nela, me embaseo nela, eu acho que inclusive é fundamental pro processo de ensino e aprendizagem [...] eu não acredito que a gente consiga ter um processo de ensino e aprendizagem válido, verdadeiro, que aconteça quando existe ódio ou implicância ou qualquer sentimento negativo com o professor. Eu acredito que o sucesso da aprendizagem...ele se dá pelo bom relacionamento e aí eu tento sempre me relacionar bem com os alunos [...] Mesmo que o aluno venha com agressividade, com rancor, eu sempre tento tratar bem, falando de forma afetuosa, de forma acolhedora, porque eu entendo que muito dessa agressividade que eles tem são problemas que eles têm de casa, de infância, do contexto que eles vivem, então eu não quero retribuir com a mesma moeda [...] Então eu acho que minha relação com eles é muito boa e com os professores também. Eu acabo mais me relacionando com os alunos porque a maior parte do nosso tempo a gente tá em sala de aula e eu até prefiro estar com eles porque é com eles que eu trabalho diretamente, então eu quero conhecê-los mais, conviver com eles mais, eu procuro, por exemplo, ter eles no *Instagram*, nas redes sociais, pra mim é uma forma de entendê-los melhor, de fazer parte da vida deles de alguma forma porque o tempo em sala de aula é pouco (docente entrevistada, 2º semestre de 2022).

A posição da professora supervisora vai ao encontro do que aponta Tardif (2004):

[...] saber reger uma sala de aula é mais importante do que conhecer os mecanismos da secretaria de educação; saber estabelecer uma relação com os alunos é mais importante do que saber estabelecer uma relação com os especialistas. Os saberes docentes obedecem, portanto, a uma hierarquia: seu valor depende das dificuldades que apresentam em relação à prática. Ora, no discurso docente, as relações com os alunos constituem o espaço onde são validados, em última instância, sua competência e seus saberes. A sala de aula e a interação cotidiana com as turmas de

alunos constituem, de um certo modo, um teste referente tanto ao “eu profissional” quanto aos saberes veiculados e transmitidos pelo docente. Isso aparece claramente nas entrevistas que realizamos com professores: “É impossível mentir ou fazer de conta diante de uma turma de alunos: não se pode esconder nada deles, é preciso envolver-se completamente” (TARDIF, 2004, p. 51).

A importância dada pela docente ao seu relacionamento com os alunos se reflete no comprometimento que estes apresentam com as atividades propostas em sala de aula. A proximidade entre os alunos e a sua professora de Sociologia, que perpassava também para a vida extraescolar em momentos de lazer, constituía a própria sala de aula como um lugar aberto para experiências que se somassem aos conhecimentos sobre os conteúdos, conceitos e autores das Ciências Sociais. A boa relação estabelecida pela professora supervisora em sua sala de aula contribuiu para uma boa receptividade dos alunos aos estagiários, e para que estejam abertos a participar das atividades propostas.

Fernandes (2020), em pesquisa realizada sobre a identidade docente, emoções e atuação profissional, aponta que os professores apresentam um grande envolvimento emocional com sua profissão, o que acarretaria forte desgaste emocional. No caso da professora supervisora entrevistada, o desgaste emocional está relacionado com a desvalorização de sua função, o baixo retorno financeiro e a falta de estrutura para realização das atividades. No que se refere a sua escolha profissional, a docente se vê realizada por ter encontrado o que realmente gosta de fazer e se dedica para alcançar seus objetivos, que afirmou serem continuar sua formação e atuar também no ensino superior.

Logo quando eu penso em docência eu penso em paixão, eu penso em amor, eu penso em algo que me dá muita alegria, muita felicidade [...] Mesmo que eu esteja em um dia muito cansada ou mal ou triste estar com eles [alunos] me faz bem, estar na escola, estar na sala de aula, estar com meus alunos me deixa feliz, eu fico animada, então é algo que me motiva, que me mobiliza. [...] Eu dei muita sorte de ter escolhido algo que eu amo e que eu sou feliz, mesmo com todas as dificuldades (docente entrevistada, 2º semestre de 2022).

A partir do explicitado nas entrevistas pela professora supervisora sobre suas experiências, sentimentos e relações no ambiente de trabalho e, também, por meio do convívio estabelecido com a autora do presente artigo, enquanto estagiária durante o ano de 2022, podemos perceber que o perfil da professora apresenta diversas características que contribuem para a construção docente do estagiário. Importa ressaltar que esta percepção a partir do convívio com a professora supervisora, ocorreu no acompanhamento de três turmas do ensino médio (1º, 2º e 3º anos) matriculadas no turno vespertino de um mesmo colégio estadual. A presença no estágio ocorria uma vez por semana, sempre às segundas-feiras e se estendia por todo turno da tarde.

Por meio da presença enquanto estagiária na sala de aula, as características descritas acima puderam ser observadas no real cotidiano da escola pública. A título de exemplo, o bom relacionamento da docente com os alunos era perceptível no interesse que demonstravam para a realização das atividades, nos elogios que direcionavam à docente, na forma que os alunos aceitavam críticas e sugestões e no uso frequente do espaço da sala de aula para falar abertamente com a docente sobre dúvidas, reclamações ou insatisfações, seja relacionado à vida escolar ou pessoal. Certa vez, os alunos levaram à professora desabaços sobre uma professora de outra disciplina que, cotidianamente, utilizava sua posição de docente para disseminar falas preconceituosas, machistas e sexistas, bem como mostravam sua insatisfação com as novas disciplinas do ensino médio e com a falta de atividades diferenciadas que fugissem à sala de aula. E, justamente, por esse bom relacionamento entre a docente e seus alunos e o incentivo que ela dava aos estagiários para participarem dos debates, promoverem aulas e diálogos, elaborarem materiais didáticos e conversarem diretamente com os estudantes, que foi possível o bom relacionamento também entre estagiários e alunos.

Além de chegarem aos estagiários para exposição de dúvidas sobre os conteúdos abordados em sala de aula, os alunos também expunham suas inseguranças sobre a vida adulta, seus problemas em casa e na escola, seus gostos, dentre outros tópicos que surgiam de modo espontâneo no contato frequente. No que diz respeito à questão dos problemas relacionados à escola e à educação destinadas aos alunos das escolas públicas, tanto a docente quanto os estagiários não deixavam de lado o olhar crítico sobre as mazelas do ensino público brasileiro e desenvolviam diálogos com as turmas de forma a fazê-las compreender, a partir dos conteúdos sociológicos, as questões sociais estruturais que perpassam sua formação escolar.

Defendo, então, que a interação com o professor supervisor do estágio da licenciatura é essencial para a construção da docência do próprio estagiário, uma vez que é a partir desta interação que o licenciando poderá observar, na prática, a educação voltada para o ensino básico, as metodologias, os recursos didáticos e as relações estabelecidas na profissão docente. É por meio da interação com o professor supervisor do estágio que o licenciando poderá também apreender as características que deseja incorporar a prática que está sendo formado para exercer, isto é, que docente deseja ou não se tornar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho desenvolveu reflexões sobre a interação entre o professor supervisor do estágio da licenciatura e o estagiário como importante fator na construção da docência do licenciando. Para tanto, utilizei entrevistas realizadas com uma professora de Sociologia da rede pública de ensino do estado do Rio de Janeiro, a qual acompanhei em sala de aula durante o ano de 2022. As entrevistas centralizaram a formação acadêmica da docente, suas experiências e expectativas, suas relações dentro do ambiente escolar, bem como suas frustrações e conquistas no ambiente de trabalho.

Com base nos dados obtidos, percebemos que a interação do estagiário com a professora supervisora pode contribuir positivamente para sua formação docente, uma vez que por meio dessa interação estão dispostas as características do perfil docente do professor supervisor que podem auxiliar na construção docente do próprio estagiário. A partir de minhas observações, como também por meio dos dados das entrevistas realizadas durante o estágio, concluímos que a prática exercida no “chão da escola” é de extrema importância para complementar e dar sentido ao que é aprendido dentro da universidade.

Em primeiro lugar, ao iniciar as disciplinas de licenciatura na graduação, os alunos são apresentados a uma série de teorias sobre as mais diversas questões que perpassam o ambiente escolar, mas é apenas no convívio dentro da escola que o estagiário pode de fato perceber como as situações se desdobram entre as pessoas ali envolvidas e como o professor lidará com elas. Nesse sentido, o professor supervisor do estágio é um indivíduo já inserido na dinâmica da escola em que leciona e que por meio de sua experiência enquanto docente elaborou estratégias para articular as teorias que aprendeu na graduação à realidade dos seus alunos. Em outros termos, não há metodologia, material didático ou abordagem perfeita a ser aplicada em sala de aula sem antes haver a análise do contexto no qual a escola e os alunos estão inseridos. Através da observação e do convívio com o professor supervisor, o estagiário pode aprender a elaborar suas próprias estratégias para articular a teoria que aprendeu na universidade com a realidade na qual leciona, de forma a alcançar o melhor desempenho possível dos seus alunos.

Em segundo lugar, a escola é um local complexo, envolto em questões sociais, econômicas, culturais, raciais, familiares, dentre outras. Assim sendo, o professor terá que lidar com situações que não foram apresentadas a ele dentro da universidade e por isso o estágio importa para preparar o estagiário para o dia a dia, para a gama de emoções que estão

dadas dentro da escola. Na observação realizada durante os dois semestres letivos de 2022 com a docente entrevistada, presenciei uma ocasião em que um aluno chorava pela perda de um familiar, ação que chamou atenção dos demais alunos e interrompeu o fluxo da aula. Como lidar com isto? Não há fórmula e nem receita para tal, mas a partir do convívio com a docente percebemos que a relação próxima e amigável que mantinha com seus alunos permitiu que naquele momento ela pudesse se aproximar e ajudar o aluno. A despeito de cada professor ter seu perfil e se comportar de forma distinta dentro de sala de aula, a observação da atitude docente importa para apresentar ao estagiário, modos de tratar situações reais e corriqueiras dentro do ambiente escolar e para as quais ele não foi, previamente, preparado.

Além do convívio com a docente durante o estágio ter proporcionado a aprendizagem sobre abordagens sociológicas para o ensino de Ciências Sociais na educação básica, especialmente pela professora acompanhada ter formação adequada para sua função na escola, esse contato também proporciona, como visto acima, a observação de situações reais que requererão certo posicionamento e tomada de decisão por parte do docente. Em muitos momentos, a docência extrapola os limites dos conteúdos programáticos da disciplina que é lecionada e envolve outros fatores e atores. Há na escola divisões hierárquicas e, por isso, disputas de poder, como pode ocorrer, por exemplo, com relação à direção escolar apresentar empasses aos professores. Como agir nessas situações? A partir do convívio com a docente pode-se perceber que muitos pontos devem ser levados em consideração quando se trata da gestão de conflitos e, nesse sentido, a professora supervisora sempre optou por incentivar seus alunos a lutarem pelo que acreditam ser correto e que proporcione o bem coletivo, tal como a ela faz em sua profissão.

Contudo, para que o contato do estagiário com o professor supervisor acarrete benefícios para a formação e a construção do perfil docente do estagiário, é necessário que ele sempre reflita sobre o que é observado no estágio. Defendo que as situações observadas devem ser problematizadas, isto é, deve ser questionado o que se faria diferente, o que se faria igual, o que se pode extrair da experiência para o exercício da futura função profissional.

O estágio supervisionado é um dos primeiros contatos do licenciando com o mercado de trabalho docente por meio da observação da atuação do professor supervisor. Por isso, na mesma direção de Bernardy e Paz (2012), acredito que “o estágio supervisionado vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Ele é uma oportunidade de

crescimento pessoal e profissional” (BERNARDY; PAZ, 2012, p. 1). Nesse sentido, o estágio da licenciatura deve ser vivenciado como um importante caminho para a qualificação de profissionais docentes preparados para atuar em um mercado de trabalho que requer engajamento, resiliência e comprometimento, do mesmo modo que a interação com o professor supervisor deve ocorrer de modo a contribuir, positivamente, para a formação docente exitosa do estagiário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDY, Katieli; PAZ, Dirce Maria Teixeira. Importância do estágio supervisionado para a formação de professores. XVII Seminário Interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão. **Anais:** Unicruz, p. 1-4, 2012. Disponível em: <https://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf>. Acesso em 08 jan. 2023.

BODART, C; SILVA, D. O perfil do professor brasileiro de sociologia do ensino médio e sua percepção da condição docente. **Inter-legere–Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN**, Natal RN, ISSN 1982 1662 n° 18 jan./jun de 2016 p. 168-189. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/10820>. Acesso em 08 jan. 2023.

BRASIL. **Resumo técnico: censo escolar da educação básica 2021**. Brasília, Distrito Federal, 2022. Disponível em https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2021.pdf. Acesso em 07 mar. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 131, n. 248, p. 1-9, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/1996/12/23/Secao-1>. Acesso em 07 mar. 2023.

FERNANDES, R. Identidade docente: Emoções e atuação profissional. 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, **Anais eletrônicos**, Rio de Janeiro, 2020

FERREIRA, Mileidi Formaeski Tereza; PEREIRA, Antonio Serafim. Gestão escolar e participação; a percepção dos alunos. **Revista de Iniciação Científica**, Criciúma, v. 15, n. 2, 2017. Disponível em

<http://periodicos.unesc.net/iniciacaocientifica/article/viewFile/2405/3512>. Acesso em 08 jan. 2023.

GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Formação de professores para o ensino de sociologia na escola básica. In: MIGLIEVICH, Adelia. RIBEIRO, Manoel Matias Filho [orgs.]. **O espaço do sociólogo: um balanço de trinta anos** - Vitória, ES : EDUFES, 2019, pp. 111-120.

HANDFAS, Anita; TEIXEIRA, Rosana da Câmara. A prática de ensino como rito de passagem e o ensino de sociologia nas escolas de nível médio. **Mediações: Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 131-142, jan/jun 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2007v12n1p131>. Acesso em 08 jan. 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MAÇAIRA, Julia P; CORDEIRO, Mariana de C. Ser professor, ser estagiário e formar docentes: reflexões sobre experiências de estágios supervisionados e práticas de ensino. In. HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. (org). **A sociologia vai à Escola: história, ensino e docência**. Rio de Janeiro: Faperj e Quartet, 2009

ROSA, Jeâni Kelle Landre; WEIGERT, Célia; SOUZA, Ana Cristina Gonçalves de Abreu. Formação docente: reflexões sobre o estágio curricular. **Ciência & Educação**, v. 18, n. 3, p. 675-688, 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/5M6rMNfLymsDS5xkqSzmghN/>. Acesso em 08 jan. 2023.

SANTOS, Andreia dos. O ensino de sociologia e o estágio supervisionado. In: BRUNETTA, A. A; BODART, Cristiano das Nevez; CIGALES, M. (org). **Dicionário do ensino de sociologia**. 1. ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2020. p. 135-139.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, Vozes, 2004, cap.1.

ANEXO: PERGUNTAS NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS

Perguntas utilizadas para nortear as entrevistas realizadas com a professora supervisora do estágio supervisionado.

Primeira entrevista:

- 1- Como você se tornou professor de sociologia do ensino médio? O que te motivou/instigou a isso?
- 2- Conte um pouco sobre sua formação, como foram os anos de graduação e quais eram suas expectativas no ingresso no curso? Essas expectativas foram superadas ou frustradas?

Segunda entrevista:

- 1- Como foi seu ingresso no mercado de trabalho? Houve algum momento de insegurança ou percalços enfrentados nessa etapa de início da profissão docente?
- 2- Seu ambiente de trabalho atual atende suas expectativas profissionais?
- 3- Quais são os principais objetivos do seu trabalho? Você acha que cumpre esses objetivos?
- 4- Quais métodos e recursos você utiliza em sala de aula?
- 5- Como você percebe a recepção dos alunos aos métodos e recursos que você utiliza?

Terceira entrevista:

- 1- Qual sua relação emocional com o contexto de trabalho e a comunidade escolar?
- 2- Como se sente no exercício da sua profissão?
- 3- Como percebe seu relacionamento com os estudantes e com os colegas de trabalho?

Quarta entrevista:

- 1- Quais são as expectativas do meu supervisor como professor?
- 2- Qual o seu planejamento profissional? O que ele espera alcançar financeiramente, emocionalmente, dentre outros sentidos?